

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO COTIDIANO ESCOLAR: O PAPEL DA VIGILÂNCIA E DO DISCURSO PUNITIVO NO ENSINO BÁSICO

BACOS, R. M. ¹

¹ Mestrado profissional em Sociologia ProfSocio- Universidade Federal de Juiz de Fora, professora de Sociologia efetiva na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, raissa.bacos@educacao.mg.gov.br

Palavras- chave: violência simbólica; protagonismo estudantil; formação política.

Este trabalho é fruto de uma série de acompanhamentos realizados ao longo do ano de 2022, 2023 e 2024 de diferentes grupos de estudantes do Ensino Médio da cidade de Juiz de Fora- MG. O objetivo principal é trazer a discussão da violência simbólica presente nas hierarquias escolares e apresentar os momentos em que autoridade e autoritarismo são confundidos ao coordenar uma equipe. Como proposta de intervenção será elaborada uma cartilha visando orientar os estudantes à implementação de os grêmios em suas escolas, propondo, também, oficinas que possam auxilia-los na construção e criação de referência de grupo.

A escola, como uma das instituições responsáveis pela formação educacional e cidadã, apresenta-se um espaço de reprodução de opressão, com o silenciamento constante de suas vozes ou formas de expressão. As regras impostas, sem o devido trabalho de conscientização a respeito da sua criação promove, entre os estudantes, o sentimento de burla-las a qualquer custo. A falta de referência na instituição como um espaço democrático e verdadeiramente participativo, pertencente aos sujeitos analisados, pode ocasionar na evasão escolar, excesso de pedidos de transferência e até baixo rendimento na parte pedagógica.

Afinal, qual é o real papel da escola? Até que ponto as identidades dos estudantes não são respeitadas? Como elabora Dubet, o que é uma escola justa?



Autores como Dubet e Charlot são nomes principais para debater a questão da violência na escola em todos os aspectos que o presente trabalho se propõe, pois as faces que o tema se manifesta são múltiplos e exigem um caráter cuidadoso para não cometer injustiças nas análises.

O conceito de Violência Simbólica levantado por Bourdieu (1998), apresenta a sutileza em que esta se apresenta, sendo, então, “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. Diante desta perspectiva, é possível perceber quão vasta podem ser as manifestações de violência simbólica presentes nas escolas por parte da instituição para com os estudantes. Ainda segundo o autor, a percepção que o estudante pode ter de si e do outro (o opressor) pode ter como fruto as normas e valores que estes internalizaram. Ou seja, ao assistir, conviver com uma relação de violência simbólica e opressão se estabelecendo em uma relação hierárquica, o indivíduo tende a reproduzi-la, aprende no convívio.

O objetivo aqui não é responsabilizar as vítimas pelas opressões que sofrem e as reproduzem futuramente quando lhes surge oportunidade, mas apresentar a sutileza que se apresenta a ponto de ser facilmente naturalizada, inclusive por quem não é beneficiado por esta relação de poder que se estabelece.

Como proposta de intervenção, proponho a elaboração de material didático sobre o grêmio e inclusão no conteúdo de Sociologia, a experiência de organização dos estudantes nesse formato de participação, como ativismo ou participação cidadã. Entretanto, o desafio que se enfrenta ao propor a intervenção é a pouca ou nenhuma experiência destes estudantes com organização política. Sendo assim, será proposto, também, um trabalho mais extenso de diálogo e formação.



I SEMINÁRIO NACIONAL DO ONVE

Educação democrática,
direitos humanos e
enfrentamento às violências

24, 25 e 26 / novembro
UFF - Niterói

REFERÊNCIAS

DUBET, F. O que é uma escola justa? **Cadernos De Pesquisas**, v. 34, n. 123, p. 539–555, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar E Punir : Nascimento Da Prisao**. Petropolis: Vozes, 1988.



observatório nacional da
violência contra educadoras/es